

26-11-2024

MARIA ISABEL**Josué Euclides Hetinguer****(Empreendedor – Economista Doméstico)**

Quando recebi o convite para escrever aqui sobre empreendedorismo tive que fazer um intensivão e ler dezenas e dezenas de colunas para entender o “espírito da coisa”. Logo percebi que eu seria aqui uma espécie de estranho no ninho. Provavelmente seria (serei) tachado de liberal burguês, privatista, ideologicamente de centro-direita e, deus me perdoe, até de bolsonarista. Pois aí é que me entusiasmei para escrever. Quando fiz o curso de Economia Doméstica no Ceará, a partir do 2º ano alguns colegas começaram a me chamar de Leninho. No início, mesmo sem entender, deixei pra lá por causa do meu sobrenome (achei que era pra facilitar). Até que um dia perguntei pra um colega por que me chamavam de Leninho. Disse ele que era por causa de minhas ideias comunistas e que, ao ficar velho, eu ia ficar com a cara do Lenin com minha carequinha começando a florir e minha barbichinha rala. Lembro que dei uma gargalhada. Eu? ... Lenin-Leninho? Quando saí de São José, na Grande Florianópolis, para estudar no outro extremo do Brasil, eu era uma espécie de “*talhado-para-o-nazi*”. Eu tinha até um colega que tinha um carimbo de suástica que ele carimbava escondido nossos cadernos, só pra sacanear (e, depois descobri, fazer propaganda). E isso quando ainda não existia Bolsonaro. Pra ter uma ideia, nas eleições de 2022, a extrema direita ganhou de cabo a rabo em São José (presidente, governador, senador, deputados). Minha família de origem alemã era o estereótipo perfeito da direita brasileira - religiosa, conservadora, reacionária, machista, racista e homofóbica -. Quando comecei a entender essas coisas tratei de dar o fora. Mas daí a ser tachado de Leninho comunista estou longe. Essa esquerda (principalmente petista) está longe de meu ideal político. E aí, observando os textos da Coluna Opinião, fiquei entusiasmado porque talvez eu possa fazer um contraponto à repetição exaustiva da mesma ladainha. Os textos, aliás todos muito bem escritos, em matéria de conteúdo ideológico é um “samba de uma nota só”. Parece que não há divergências, pelo menos não cheguei a encontrar. Todos cantam o mesmo repertório. E sempre no mesmo tom. Vá lá que eu entendi que pra escrever nessa interessante coluna há que ter uma identidade ideológica, mas por que não mudar a música, maestro? Como falei no meu texto de estreia sou ridículo e óbvio, a começar pelo meu apelido de Leninho, logo eu, um *talhado-para-o-nazi*. Mas, justamente por ser ridículo e óbvio que tomo essa coluna para sair do roteiro musical. Vou tentar.

O empreendedorismo é uma aspiração das favelas, das comunidades, em estado de completa exclusão e vulnerabilidade.

Eu mesmo venho de uma origem humilde, de pessoas simples que criam seus filhos para que sejam “alguém” e, se possível fiquem ricos. Mesmo onde as condições de vida são um pouco mais favoráveis como alguma renda e educação, a régua, ou o sarrafo como se costuma dizer, separa os pobres das chamadas elites. E a esquerda brasileira, especialmente quando o Fernando Henrique Cardoso, com sua centro-esquerda social-democrata, e depois com Lula-Dilma-Lula, com sua esquerda, dominaram o país. E lá se vão 30 anos. A eleição da extrema direita foi a resposta errada no lugar errado e na hora errada porque as esquerdas ficaram papando mosca o tempo todo. E a extrema direita entra nessas horas sempre pra piorar o que está ruim. Essa é a história do nazismo e do fascismo. Jamais dará certo. E, entretanto, sempre estará à espreita, porque sua razão de ser (a esquerda) não sabe o que fazer pra dar certo. Antes de eu saber que seria empreendedor, eu escolhi uma profissão que mexia profundamente com a economia das pessoas, mas eu não queria ser economista que, aliás, acho uma profissão esnobe e inútil. São os economistas que analisam e propõem coisas complexas que se traduzem em resultados bem simples: enriquecer os mais ricos, empobrecer os mais pobres ou enriquecer poucos pobres e empobrecer poucos ricos. Gostaria que alguém me dissesse pra que servem. Mas, mesmo assim, eu queria tratar de economia. Me lembro como se fosse hoje. Eu estava no *Bar do Banco Redondo*, na Avenida Mauro Ramos, no centro de Floripa, com Maria Isabel. Nem a contabilizo como namoradinha, pois éramos muito mais amigos do que destemidos amantes. Até porque minha carequinha já dava sinais e ela era muito, muito magrinha - *adorável caveirinha* como eu a chamei uma vez e ela fingiu que não gostou. Por via das dúvidas, nunca mais a chamei assim. Trabalhávamos numa corretora de imóveis e, por alguma sorte do além, o boom imobiliário da época, inclusive na minha cidade São José, propiciou que em dois anos cada um de nós comprasse carro, um pequenino apê e ainda sobrou uma graninha prum pé de meia. Sentíamos-nos ricos. Foi aí que ela me trouxe a boa novidade: *você que tem mania de economia por que não faz faculdade de Economia Doméstica?* Conversamos um pouco sobre o que significava aquilo e depois de um tempo inesquecível de papo, após a boa novidade ela soltou a grande bomba. *Pedi demissão da corretora, vou com Gerd para a Alemanha. Vou estudar e mudar de vida. Acho que você devia fazer o mesmo.* Não cheguei a ficar com raiva do Gerd, um colega da corretora, mas fiquei com inveja de não ser um destemido amante. Mudei de vida ali. Só peço permissão pra escrever sem mudar de assunto. Nas colunas que vi, os temas são variados e nem sempre têm um fio da meada. Acho até interessante essa diversidade, mas não é meu estilo. Logo loguinho chego no Ceará.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.